

ARTE . VISUAL . ENSINO
Apoio Pedagógico Virtual

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

HISTÓRIA DA ARTE:
O século XX até 1960

Fotografia e Arte.

Parte 12

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Desde que a Fotografia surgiu no século XIX, surgiram também as polêmicas que a acompanham desde então:

Fotografia é Arte ou Técnica?

Fotografia é Registro ou Criação?

Fotografia é Documento ou Invenção?

Fotografia é Realidade ou Imaginário?

Fotografia é Verdade ou Mentira?

O contexto da Modernidade possibilitou que vários procedimentos técnicos e estéticos passassem a fazer parte do contexto da Arte Visual sem restrições. A fotografia foi um deles.

A Fotografia é um processo de criação de imagens, portanto, tem a autonomia necessária para criá-las à maneira de quem a produz assim quiser.

Uma questão importante é que, ao se constituir como um meio óptico/tecnológico de produção de imagens a partir da luz e do ambiente, também foi capaz de criar imagens à semelhança daquilo que estava diante da câmera, assim, tornou-se uma espécie de recurso para registrar rastros, indícios, índices do mundo natural. Isso fez com que fosse confundida com o próprio “real”, esse foi o seu problema...

Sua criação se deu por volta de 1824-27, quando *Joseph Nicephore-Niépce*, francês, consegue registrar uma imagem por meio da luz natural numa superfície metálica preparada com betume, como se fazia para realização de gravuras em metal. A diferença é que, ao invés de desenhar sobre a projeção, usou uma câmera de pequeno formato, filha compacta das monstruosas câmaras escuras. Provida de elementos óticos e, durante um período de 8 horas, conseguiu obter uma imagem precária, mas suficiente para levar o processo adiante. Assim surgiu o que chamou de Heliografia que, mais tarde, passou a ser conhecida como Daguerreotipia e depois Fotografia.



Acima reconstrução do lugar em que a imagem foi tomada, à direita a placa metálica obtida e abaixo sua reprodução.



É interessante lembrar que, no século XIX muita gente estava interessada na produção e reprodução de imagens. Este é o caso de Niépce.

A princípio sua ideia era a de reproduzir imagens em sistemas gráficos. Livros, cartazes, folhetos, tudo isso demandava produção de imagens manuais e quem conseguisse fazer isso de modo automático teria uma boa vantagem em relação aos processos artesanais. Nesse sentido, costumo dizer que a Fotografia foi um “feliz acidente” ou “efeito colateral”, pois a busca era pela reprodução de imagens e não pela captação de imagens diretamente do mundo natural...

Independente do que provocou o surgimento da Fotografia, ela se tornou um meio importante, tanto para produção de imagens documentais quanto para a criação e expressão.

Desde os primeiros momentos da humanidade a tentativa de transplantar o visível tem sido uma questão permanente. Mesmo hoje em dia, com as tecnologias mais avançadas de captação, produção, reprodução e tratamento de imagens, a saga continua...

Imagens fixas, em movimento, sonorizadas ou não sempre encantam e estimulam a imaginação.

A busca pela Fotografia que pudesse reproduzir o visível de modo mais realístico passou a ser uma questão prioritária. Muitos fotógrafos, especialmente os envolvidos com a documentação de acontecimentos, eventos, circunstâncias, situações e demais aspectos buscaram por isto e mobilizam a atenção de historiadores, antropólogos, sociólogos, jornalistas e outros profissionais que fazem da imagem documental um meio de preservação das efemérides humanas. No entanto, outra linha de Fotógrafos, os artistas, caminharam no sentido oposto: tentaram usar o aparato, seus recursos óticos, técnicos e químicos para produzir Arte.

Parecia natural que ter à disposição um sistema de criação de imagens que não dependia da mão humana, seria mais lógico e “objetivo”, retirando desse meio toda a subjetividade e estilo e interpretação do artista, desenhista ou gravador que, até então, eram responsáveis por alimentar de imagens a sociedade, logo, a Arte morreria. Pois um sistema ótico absoluto provia de imagens os meios de registro e documentação amparado na ilusão de que não eram capazes de mentir, alterar ou adulterar o visível como se mostrava ou parecia.

Ledo engano...

Muito cedo se descobriu que, mesmo um sistema baseado num aparato ótico construído para transferir informações do meio, transladando as variações luminosas que estavam diante da câmera para um suporte sensível, podia ser burlado, ludibriado e que a objetividade da qual havia se revestido a fotografia era mera ilusão...

Concluiu-se então que a imagem fotográfica também era suscetível de manipulação, alteração e mudanças, pior ainda, tais alterações podiam passar quase que despercebidas aos olhos incautos da sociedade.

Independente da possibilidade de manipular as imagens fotográficas, as próprias condicionantes do aparelho e seus ajustes eram uma fonte extensa de variáveis, ou seja, independente de querer ou não, a imagem fotográfica já surgia como algo alterado do visto e do visível, logo era irremediavelmente: *Irreal...*

Esta irrealidade foi tomada como uma característica, como paradigmas da fotografia, assim a imagem ótica, a exemplo do ponto de vista único das imagens do Renascimento, reviveram e se tornaram referência para o imaginário,.

Nesta linha de raciocínio pode-se dizer que as alterações da imagem resultantes do aparelho fotográfico decorrem de alguns fatores de origem ótica e temporal.

Pelo lado ótico pode-se destacar a questão da formação da imagem. Como se sabe a imagem fotográfica é *Estenopéica*. Estenopo, do grego é orifício, logo, essa imagem é obtida por meio de um orifício por onde a luz ambiente passa para chegar ao suporte sensível que irá registrar a tomada.

A questão é que o orifício já define, a priori, a imagem que gera.

Um pequeno orifício produz imagens precisas, com muitos detalhes, muita informação e, em oposição, um grande orifício faz o contrário, gera imagens imprecisas, desfocadas, nebulosas, insólitas.

Com muito ou pouco Foco/nitidez. Contudo é possível usar uma grande abertura a favor, aproximar-se do assunto e ignorar o resto o que se chama Foco Seletivo.



Abertura pequena - Abertura grande

Nesse sentido, os olhos humanos usam também essa estratégia ao selecionar algo próximo e desprezar algo distante, já que focamos por planos.

Aberturas pequenas são importantes quando se quer mais precisão, mais informação e mais detalhes numa imagem, o que se chama: Foco Contínuo.



Embora tais imagens sejam manipuladas pela ótica estenopéica mesmo assim se assemelham ao que estamos habituados a ver, logo, tem-se a ilusão de que a imagem fotográfica condiz com o visível, daí o efeito de Veridicção, ou seja, a sensação de verdade. Na câmera fotográfica o controle das aberturas é proporcionado pelo mecanismo de ajuste de aberturas, o Diafragma.

No entanto não é só o efeito estenopéico que está em jogo, há também a questão da Temporalidade. O período de tempo necessário para gravar uma imagem no suporte sensível, controlado pelo mecanismo do Obturador.

Inicialmente o controle de tempo se destinava exclusivamente a aumentar ou diminuir o período de exposição do suporte sensível à luz. A lógica é a seguinte: muita luz = pouco tempo de exposição, pouca luz = muito tempo de exposição contudo, não é só isso que se obtém.

Quando se usa pouco tempo a imagem tende a ser fixa, congelada, tudo o que se movia fica parado. Ao contrário ao usar muito tempo de exposição, o contrário ocorre: tudo que se movia borra, mancha a imagem, deixa rastros, traça riscos na superfície...



1/100

1/60

1/15

A base de tempo usado nos obturadores das câmeras fotográficas é 1 segundo.

O segundo vai sendo subdividido pela metade até milésimos.

Acima a imagem obtida usando 100 avos de segundo congelou o movimento do papa-vento e a de quinze avos borrou o movimento. Pode-se tirar vantagem disso para produzir o efeito de movimento ou congelamento na fotografia. Mais uma ilusão... Isso é irreal para os olhos.



Henry Cartier-Bresson, Estação de Saint-Lazare, 1932.



Rob Kart. Roda gigante.

Usei termos técnicos: estenopo, diafragma, obturador para explicar os efeitos “*manipulatórios*” da câmera sobre a imagem obtida. Tudo isso para provar que quando vemos uma imagem fotográfica não estamos vendo algo que está assim no mundo natural, mas estamos diante de uma interpretação, alteração, manipulação que ocorre quando estabelecemos os ajustes dos mecanismos de uma câmera fotográfica para corrigir ou simplesmente porque queremos alterar, modificar, intensificar, transformar, recriar e ressignificar a imagem que está no mundo ou como a vemos...

É esta linha de raciocínio que estabeleci para colocar a questão da *Irrealidade* da Fotografia.

Esse é um recorte para abordar esse assunto e também uma escolha quando se dispõe a construir imagens a partir de uma *Câmera Fotográfica*.

Digo *Câmera Fotográfica* para distinguir esse aparelho dos sistemas de captação de imagens acoplados, hoje em dia, por exemplo, nos *smartphones*, disponíveis no mercado. Tais sistemas não são câmeras, são recursos ótico-digitais que captam e tratam imagens automaticamente atribuindo a elas a “identidade”, aparência de Fotografias.

Um alerta, as supostas câmeras dos aparelhos celulares ou as pequenas câmeras automáticas disponíveis no mercado não se configuram, de fato, como câmeras fotográficas, seria mais apropriado chama-las de captadoras digitais de imagem.

Embora possuam lentes, mesmo que simples, não possuem os outros componentes óticos de uma câmera, estes componentes são substituídos por programas de manipulação/edição de imagens que substituem o raciocínio do fotógrafo, criam uma espécie de *robot* fotógrafo e faz pelo usuário o serviço pesado...

Com isso a automação assume a identidade da imagem e o usuário, coitado, é só um transportador e acionador de câmeras, seu rufião.

Voltamos ao estágio inicial do mercado fotográfico quando George Eastman criou a primeira câmera fotográfica com filme de acetato removível: *“Você aperta o botão e nós fazemos o resto”...*

Esse slogan levou a Kodak ao estágio das maiores empresas de produtos fotográficos nos primeiros anos do século XX, lamentavelmente, falida com a ascensão da fotografia digital no fim do mesmo século.

Produzir fotografias passou a ser uma espécie de pré-requisito da condição humana, desde o século XX dada a quantidade de câmeras e meios para produzir imagens em sistemas analógicos ou digitais automáticos ou não.

A Cultura Visual passou a ser uma abordagem teórica para estudar o fenômeno das imagens no mundo atual.

Digo que *“Imagem é uma configuração visual geradora de sentido”*.

Independente do modo como as produzimos, elas geram sentidos.

Se as primeiras imagens, desde a pré-história, foram produzidas artesanalmente pela mão humana, a partir do século XIX, passaram a ser produzidas quase que exclusivamente por aparelhos sobre suportes sensíveis.

Embora o processo “automatizado” desse uma sensação de afastamento, de objetividade na construção de imagens, vimos que isso não é verdade, mesmo fazendo imagens com o uso de equipamentos “imaginantes”, “imaginadores” ou “fazedores” de imagens, ainda as manipulamos e construímos segundo nossos interesses e tendências: por mais objetiva que seja uma Objetiva, ainda somos subjetivos.

O conceito de fotografia é amparado em dois afixos gregos: foto = luz e grafia = desenho, numa tradução literal seria Desenho da Luz.

Esse é o princípio da Fotografia: uma imagem formada ou tomada por meio da luz. Essa luz pode ser natural ou artificial, o importante é que ilumine algo ou simplesmente sensibilize o suporte sensível da câmera, assim se produz essa imagem.

A câmera é o instrumento usado para intermediar a relação do ambiente com o fotógrafo e, assim, definir, configurar a imagem.

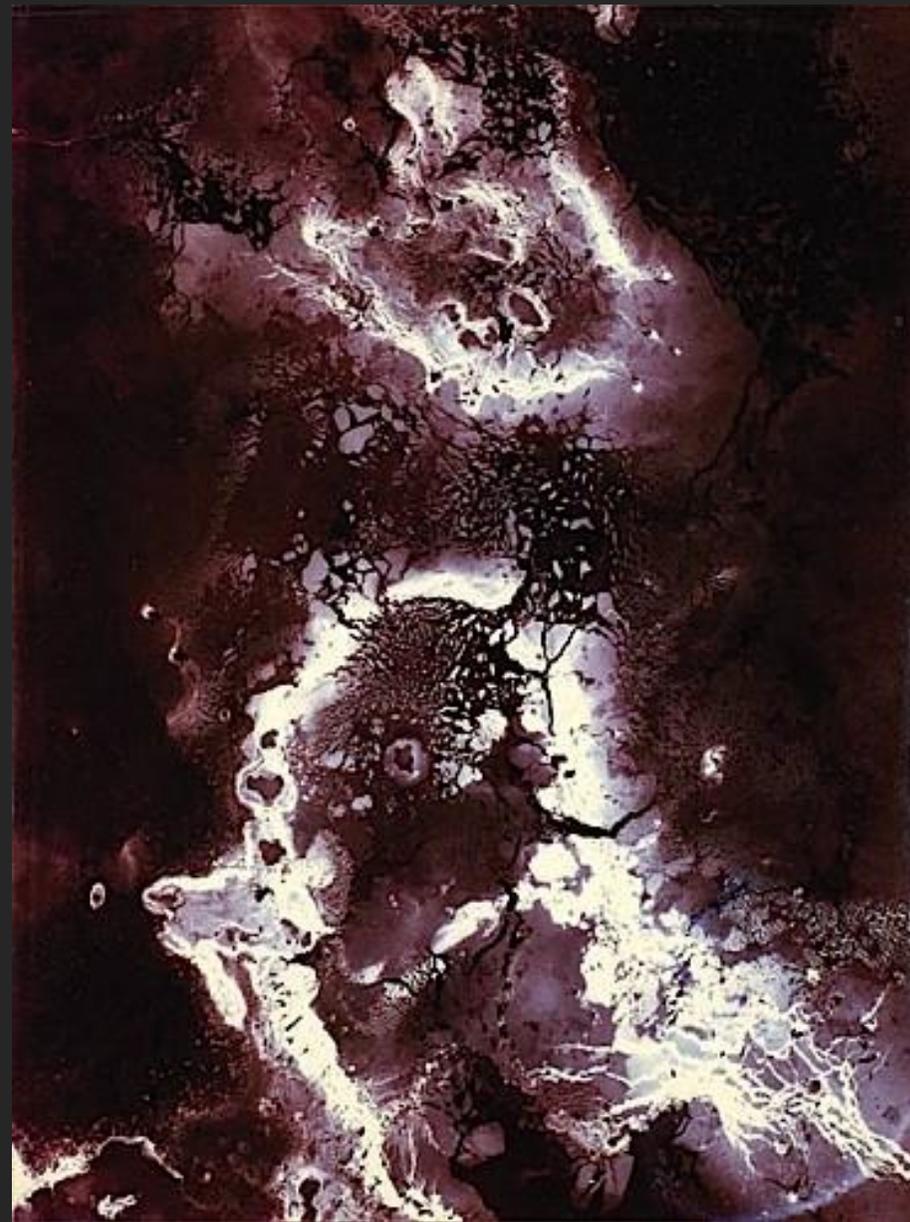
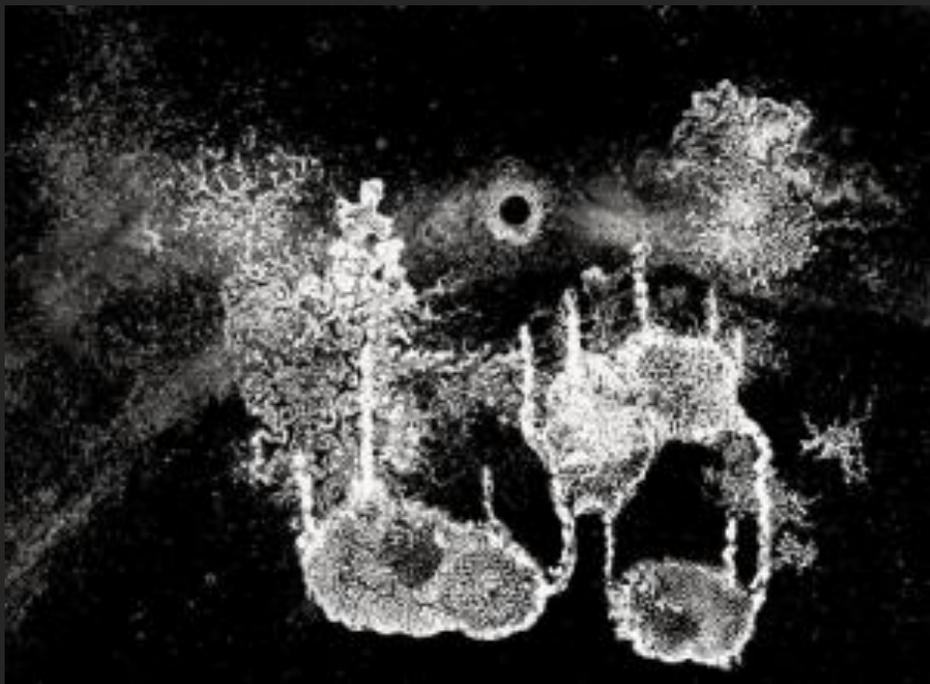
Essa configuração pode ser um registro de algo que se coloca diante da câmera, mas também pode ser o efeito obtido pela luz sobre o suporte sensível, sem que haja um objeto, algo, um tema ou assunto específico a ser documentado ou registrado.

Nessa linha de raciocínio, pode-se obter imagens que não se assemelham a nada do que conhecemos no mundo natural, então é possível produzir “fotografias Abstratas”, ou seja, imagens que não correspondem ao visível, mas que se tornem coisas visíveis, que evoquem a plasticidade da forma, cores, linhas, texturas, volumes etc.

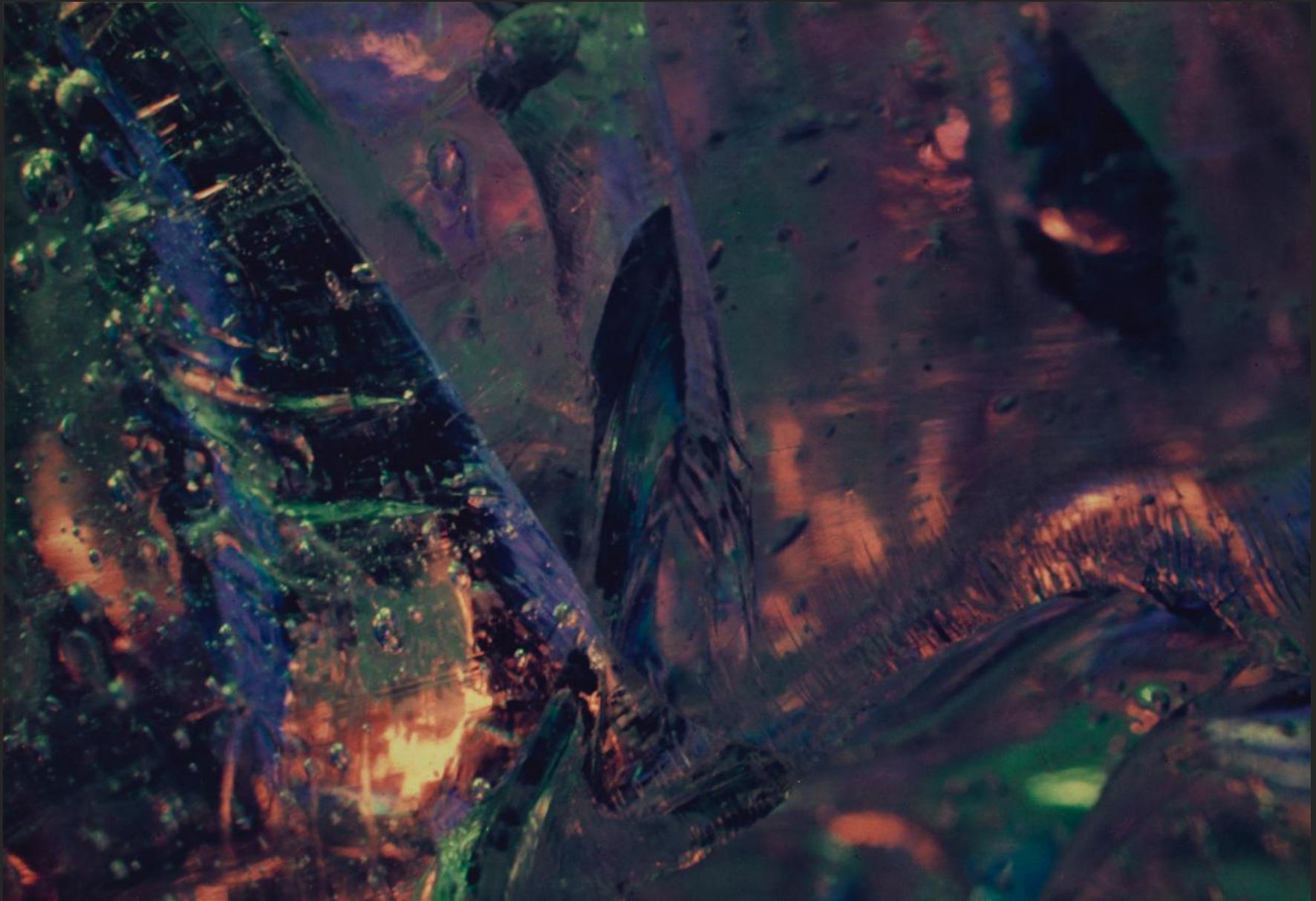
As fotografias então são capazes de produzir imagens não reais, *Irreais*. Nesse caso entramos no campo das proposições estéticas e a câmera passa a ser um instrumento de criação capaz de gerar imagens de interpretações abertas e não fechadas. Fechadas são aquelas que significam o que se vê e as abertas as que possibilitam outras interpretações que não a literalidade da significação. Uma casa é uma casa, esta é uma interpretação literal e fechada e uma imagem abstrata é capaz de abrir um diálogo sobre o próprio conceito de imagem.

O exercício lúdico da interpretação é uma das possibilidades que a Arte oferece enquanto meio de interação. O advento da Abstração trouxe a possibilidade de criar diálogos que antes não existiam.

Uma imagem construída pelos artistas, até o século XIX, tendia a significar o que mostravam ou a interpretar mitos, circunstâncias e acontecimentos tomadas literalmente do contexto cultural ou social. A Abstração abre o horizonte de reflexão sobre as imagens e seus condicionantes, meios, funções, destinos e significação.



HEINZ-HAJEK-HALKE-UNTITLED-
LICHTGRAPHIKS -1960S-GELATIN-
SILVER-PRINT-FERROTYPED-ON-AGFA-
PAPER



Underwater, Sir George F Pollock, 1964.



Pintura Rachada, 1964, Bret Weston.



Abstração, 1964, Bret Weston.



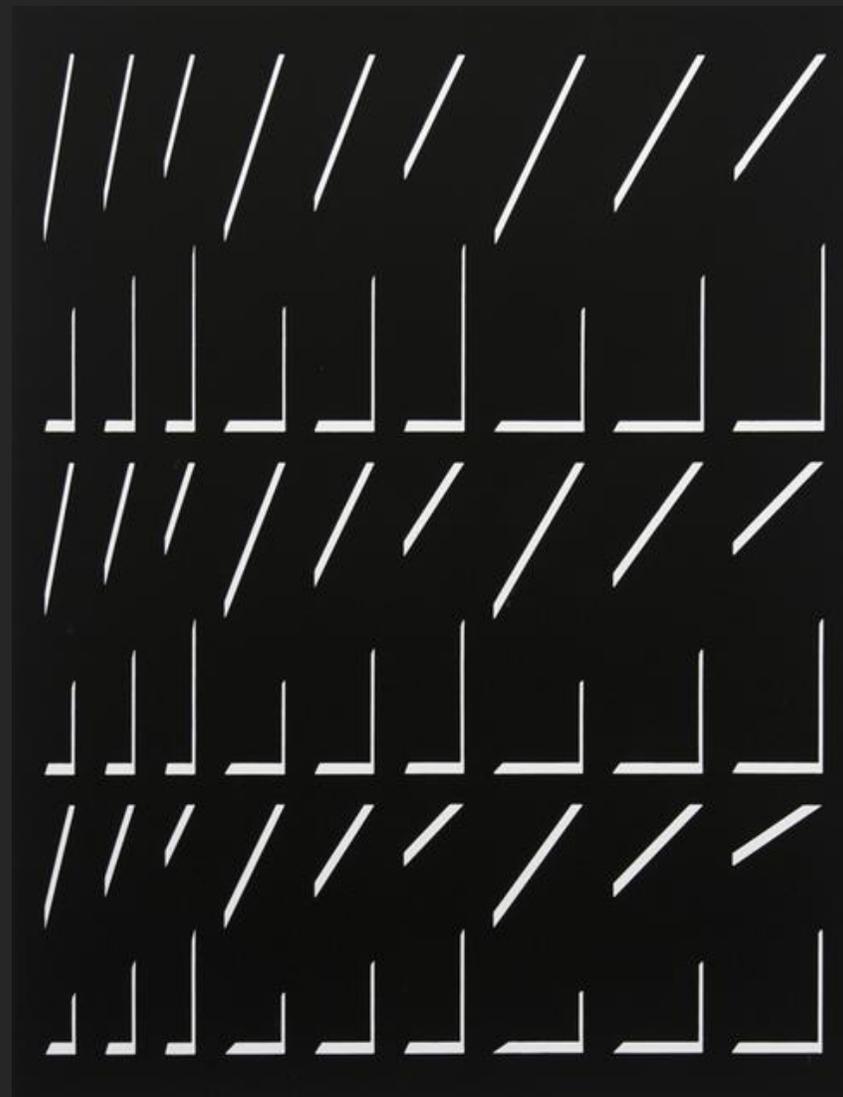
Edward Weston, outro buscador de imagens não realistas...



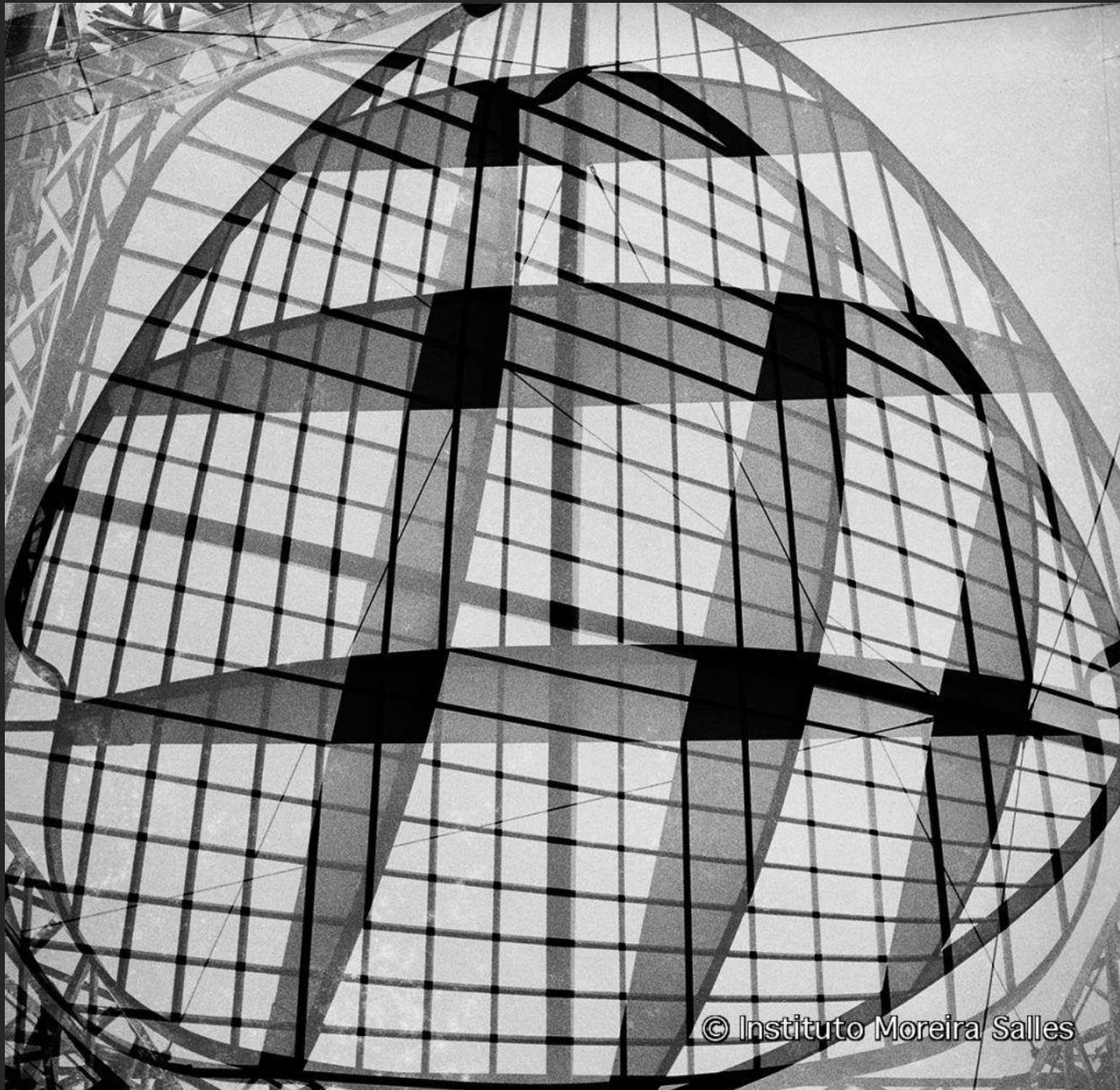
No Brasil, Thomas Farkas explora a abstração a partir do cotidiano



Também no Brasil, Gaspar Gasparian.

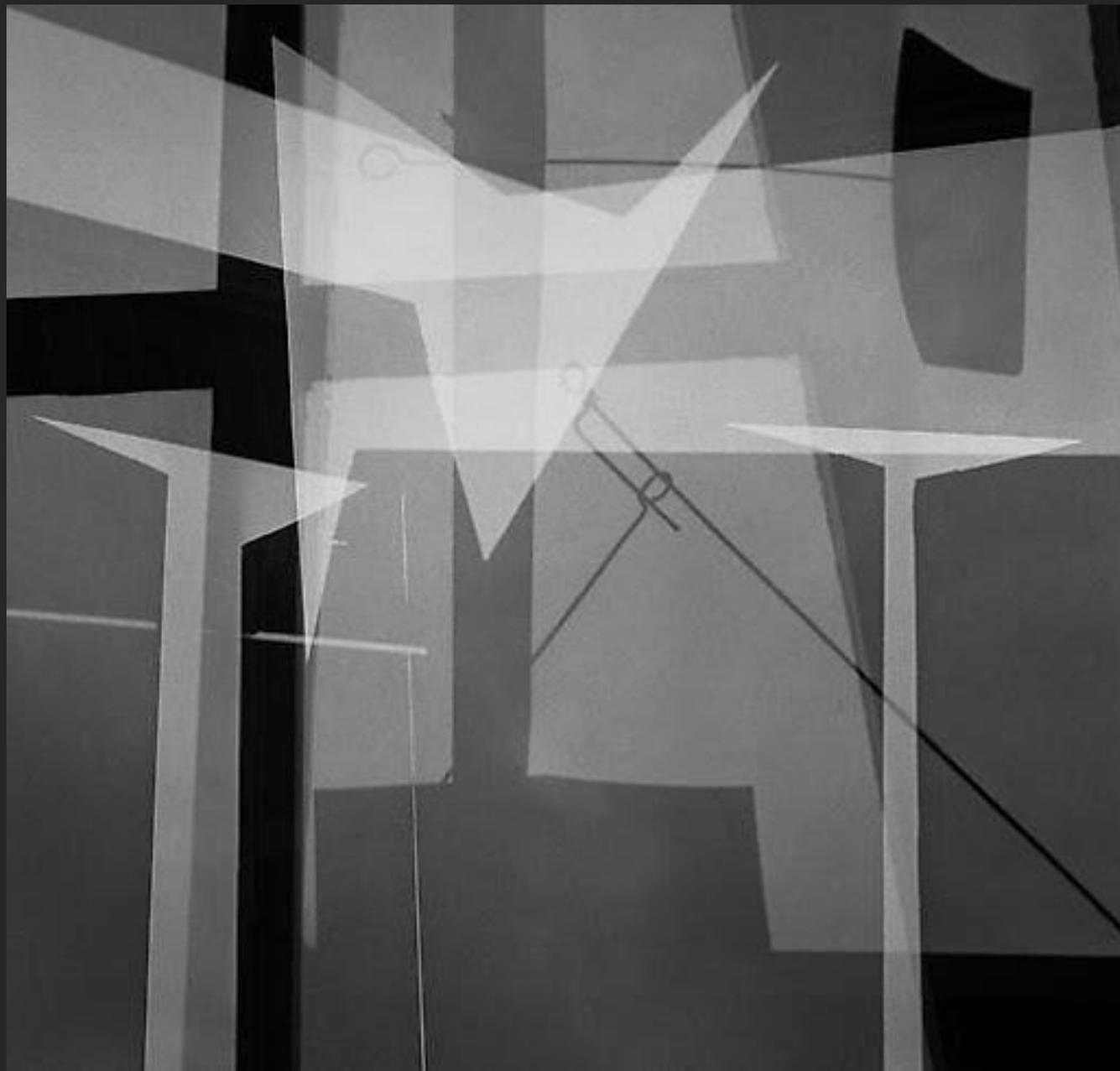


José Oiticica, também no Brasil, explora formas e texturas na fotografia abstrata.

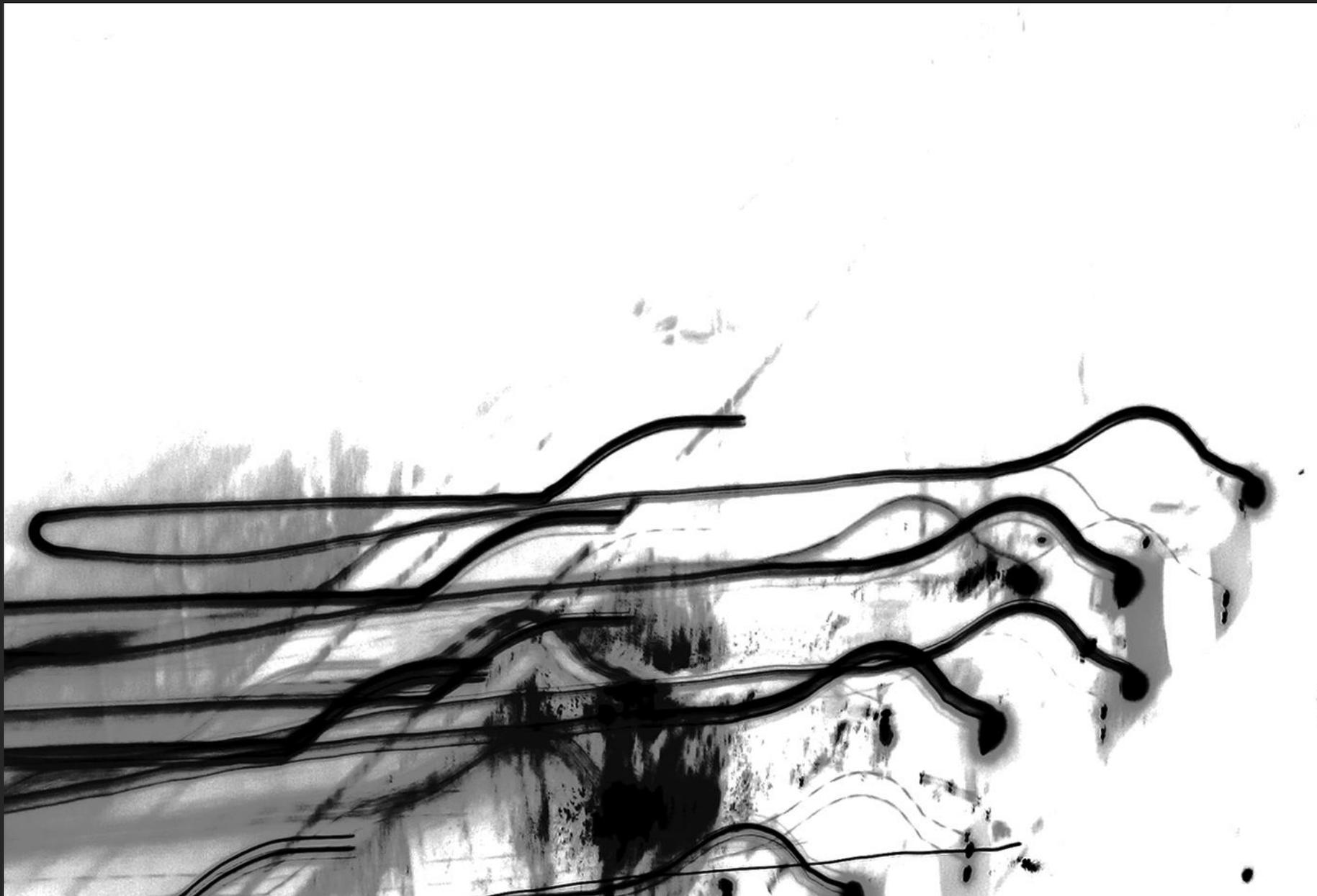


© Instituto Moreira Salles

Geraldo de
Barros,
Fotoformas.



Geraldo de
Barros,
Fotoformas.



A imagem que abre essa edição é de minha autoria. Fotografia digital tomada em movimento de iluminação ambiental.



Imagens produzidas por mim, macro-fotografias analógicas a partir de gelo e fundos diversos.

A questão do *Irreal* nas Fotografias, nesse caso, se refere àquelas imagens produzidas sem a finalidade de traduzir algo que já se conhece.

Tais imagens buscam uma relação de reciprocidade com o leitor numa tentativa de proporcionar a ele momentos de análise, reflexão, recriação e ressignificação.

Nesse caso, se trata de construir imagens interativas, mesmo que seja para uma apreciação despretensiosa.

Com isto a Fotografia foi sempre integrada ao contexto da Arte desde o momento de seu surgimento,

A leitura proporcionada pela Arte, como já disse, é construída a partir do que podemos chamar de “código aberto”, não tem regras pré-estabelecidas e a leitura é construída no caminho e não por um mapa anterior, é antes um jogo semântico do que sintático.

Os conceitos não são dados de antemão, mas decorrentes do processo durante sua própria construção.

Esse é o ganho que a Arte Contemporânea trouxe para esse campo. Na tradição artística o que se propunha era a constatação do que se via, hoje o que se pretende é construir dizeres.

A comparação entre Real e Irreal é uma proposição de abordagem analítico/conceitual que tem por finalidade abrir horizontes de apreciação sobre a Arte Visual.

Não se pode considerar nos dias atuais que a Arte, enquanto *“manifestação estética da humanidade”* seja uma repetição de estratégias e modos de ver recorrentes ao passado, mas uma maneira de encontrar novas possibilidades, mesmo para olhar o passado.

É necessário Atualizar o tempo todo nossos modos de ver e, assim, atualizar o pensamento e o conhecimento sobre Arte.

A Fotografia como uma das conquistas recentes na construção imagética, tem apenas duzentos anos em comparação com as poéticas mais tradicionais que beiram os cinquenta mil anos, ela nos deu a possibilidade de pensar, ensaiar e construir imagens antes nunca imaginada pelo ser humano e ainda continua assim dadas as condições tecnológicas e digitais que se tem à disposição hoje em dia.

Sempre digo que:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.

Atividades de Reforço e apoio Pedagógico.

Leitura e Resumo deste material.

Leituras de Apoio e consulta:

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte Moderna. Capítulo 7

ARGAN, Giulio Carlo, FAGIOLLO, Maurizio. Guia da História da Arte.

BENJAMIN, W. A Obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica.

GOMBRICH, E. História da Arte, Capítulos 25, 26, 27 e o pós-escrito.

UMBERTO Eco. Obra Aberta.

Questões de Reforço:

- 1. Qual a relação entre Arte e Fotografia?*
- 2. Qual a importância dos conhecimentos óticos e técnicos da câmera para a Fotografia e expressão fotográfica?*
- 3. Qual a relação entre Registro e Expressão na Fotografia?*
- 4. Fotografia pode ser Abstrata?*
- 5. Qual a importância da Fotografia na Arte atual?*